



ARTIGO

## Professoras e professores surdos e bullying: um debate necessário

*Deaf teachers and bullying: a necessary debate*

*Profesoras y profesores sordos y bullying: un debate necesario*

**Geisielien Santana**

**Valsechi<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-0459-8372](https://orcid.org/0000-0003-0459-8372)

[geisielenvalsechi@gmail.com](mailto:geisielenvalsechi@gmail.com)

**Lourival José Martins**

**Filho<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-8464-7236](https://orcid.org/0000-0002-8464-7236)

[lourivalfaed@gmail.com](mailto:lourivalfaed@gmail.com)

**Recebido em:** 26 set. 2018.

**Aprovado em:** 20 out. 2019.

**Publicado em:** 27 jul. 2020.

**Resumo:** Neste artigo, aborda-se como temática o bullying vivenciado por docentes surdos que atuam com os alunos ouvintes. Tendo como objetivo analisar o tipo de postura subjetiva que os docentes surdos possuem em relação a situações de bullying, ressaltam-se as diferentes perspectivas do fenômeno contra os surdos no ambiente escolar. Os procedimentos metodológicos foram os estudos dos referenciais teóricos e a aplicação de questionários para docentes surdos. Os resultados demonstraram que o docente surdo também necessita de preparação para situações de bullying, de modo a fortalecer sua subjetividade para uma postura de superação positiva. Alguns docentes surdos conseguiram se fortalecer diante das experiências vividas, ao passo que outros não se encontravam preparados para atuar em sala em uma ocorrência de bullying. Ainda há aqueles que se encontram seriamente traumatizados. Nesta direção aponta-se a necessidade de espaços educacionais inclusivos para estudantes e professores em todos os níveis e modalidades de ensino.

**Palavras-chave:** Docentes surdos. Libras. Alunos ouvintes. Bullying.

**Abstract:** In this article, we discuss bullying situations experienced by deaf teachers who work with hearing students. It aims to analyzing types of subjective behaviors by deaf teachers in face of bullying situations. This study highlights different perspectives on the bullying phenomenon experienced by the deaf in the school environment. The methodological procedures were studies on the theoretical framework and a survey responded by deaf teachers. The results showed that deaf teachers also need to be prepared for bullying situations in order to strengthen their subjectivity towards a positive overcoming posture. While some deaf teachers were strengthened by the situations experienced, others demonstrated not to be prepared to work in a classroom in the occurrence of bullying. There are still those who were seriously traumatized. In this direction it is pointed out the need of inclusive educational spaces for students and teachers at all levels and modalities of teaching.

**Keywords:** Deaf teachers. Libras. Hearing students. Bullying.

**Resumen:** En este artículo analizamos situaciones de intimidación experimentadas por maestros sordos que trabajan con estudiantes oyentes. Su objetivo es analizar los tipos de conductas subjetivas de los docentes sordos frente a las situaciones de *bullying*. Este trabajo destaca diferentes perspectivas sobre el fenómeno de intimidación experimentado por los sordos en el entorno escolar. Los procedimientos metodológicos fueron estudios sobre el marco teórico y uno cuestionario respondido por docentes sordos. Los resultados mostraron que los maestros sordos también deben estar preparados para las situaciones de *bullying* a fin de fortalecer su subjetividad hacia una postura de superación positiva. Mientras que algunos maestros sordos se vieron fortalecidos por las situaciones experimentadas, otros demostraron que no estaban preparados para trabajar en un aula en el caso de *bullying*. Todavía hay personas que estaban seriamente traumatizadas. En esta dirección se apunta la necesidad de espacios educativos inclusivos para estudiantes y profesores en todos los niveles y modalidades de enseñanza.

**Palabras clave:** Maestros sordos. Libras. Estudiantes oyentes. Bullying.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, SC, Brasil.

## Introdução

*"Bullying... é hora de tomar uma atitude!"*  
(Autor desconhecido)

Podem-se observar nos contextos educativos contemporâneos várias situações de exclusão do processo de ensino e aprendizagem, bem como preconceitos linguísticos e culturais dentro de comunidades escolares, no que se refere a surdos sinalizantes da língua de sinais, sejam alunos ou professores. Sendo assim, questionou-se se na atualidade, com maior veiculação de informações, os docentes surdos estariam incluídos socialmente nessas comunidades escolares sem sofrerem preconceitos e sem serem vítimas de *bullying*.

Nesse sentido, optou-se, no presente artigo, investigar se professores surdos que atuam no Ensino Superior sentem-se incluídos socialmente na comunidade escolar e se são vítimas de *bullying* no seu local de trabalho.

O tema escolhido permitiu pesquisar autores como: Fante (2005), Franco (2014), Freire (2012), Strobel (2008), Goldfeld (2002), Skliar (1997), Silva (2001), Magalhães e Stoer (2006), entre outros que debatem sobre o *bullying* na esfera da educação. Pautou-se como objetivo geral deste trabalho o desejo de investigar os efeitos do *bullying* na relação entre docentes surdos e alunos ouvintes, problematizando como o *bullying* se manifesta nessa relação.

Parte-se da hipótese de que devido ao grande desconhecimento sobre as pessoas surdas, sobre a língua diferenciada (visó-espacial), sobre a cultura surda e os costumes diferentes dos ouvintes, há uma grande probabilidade de os professores surdos serem vítimas de *bullying* e de preconceitos no ambiente escolar onde trabalham. Assim, as informações geradas podem oferecer novos dados sobre a temática do *bullying* vivenciado por sujeitos surdos.

O artigo é composto por três partes principais: a conceitual, sobre o sujeito surdo e o *bullying*; a parte de investigação, em que se apresenta a metodologia; e, por fim, a análise dos dados gerados e as suas considerações finais.

## 1 Conceitos imbricados

### 1.1 O que significa ser surdo?

O surdo apresenta uma diferença cultural e linguística, que, muitas vezes, não é compreendida e respeitada, o que acarreta dificuldades de expressão e de comunicação.

Considera-se, neste estudo, que surda é toda pessoa que tem uma perda auditiva, ouve pouco ou nada. A surdez pode ser a pré-linguística, adquirida antes da aquisição da linguagem oral, ou pós-linguística, adquirida após a aquisição da linguagem oral. Considera-se parcialmente surda a pessoa com surdez leve ou moderada, e surda a pessoa com surdez severa ou profunda.

A linguagem é adquirida na vida social, e é no contato com a linguagem, integrado em uma sociedade que faz uso dela, que o sujeito a adquire. Para o surdo, a língua de sinais é o instrumento mediador na aquisição e na construção do conhecimento. Surdos usuários da língua de sinais possuem mais possibilidades de reconhecer a si mesmos e adquirir autoestima para lidar com as diferenças sociais que enfrentam.

A língua de sinais é a língua natural dos surdos. Deve-se registrar que a Lei de Libras (Língua Brasileira de Sinais) n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que beneficia o povo surdo brasileiro, dispõe que a Libras é a forma de comunicação e de expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, transmite ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil e assume um caráter mediador e de apoio para a produção escrita (BRASIL, 2002).

Os surdos entendem as diferenças entre eles e os ouvintes e assumem a sua identidade, com as suas necessidades, potencialidades e dificuldades. Parte-se do entendimento que é necessário uma educação inclusiva que contemple o estudo da cultura de etnias com características diferentes, propiciando respeito entre todos os envolvidos, ouvintes e surdos.

## 1.2 Qual a relação entre *bullying* e sujeitos surdos no contexto escolar?

Antes de se responder à questão, é importante conhecer um pouco sobre o conceito de *bullying*. Segundo Camargo (2010), *bullying* é um termo da língua inglesa e sua tradução para a língua portuguesa seria o correspondente a bulir, bater, zombar, tripudiar, ridicularizar; a palavra *bully* significa tirano, termo dado àquele que pratica a injustiça e a crueldade. Fante (2005) conceitua o *bullying* como uma das grandes problemáticas do mundo, que vem acontecendo em várias escolas do Brasil, sejam escolas públicas ou privadas, e mais evidenciado entre grupos de adolescentes.

Estudos sobre o fenômeno de *bullying* iniciaram-se na Suécia nos anos de 1970. A partir da investigação sobre as tendências suicidas entre adolescentes, efetuada pelo Dr. Dan Olweus (1989), professor de psicologia da Universidade de Bergen, na Noruega, considerado como o pioneiro nas pesquisas sobre *bullying*, descobriu-se que a maioria desses jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça e que, portanto, o *bullying* deveria ser estudado e combatido.

No Brasil, o *bullying* passou a ser estudado e pesquisado pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia). Essa associação realizou uma pesquisa vanguardista sobre o tema *bullying* na cidade do Rio de Janeiro, envolvendo 5.337 alunos com faixa etária média de 13 anos, matriculados em turmas da 5.<sup>a</sup> a 8.<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental de onze escolas, das quais nove são públicas e duas são particulares.

Os resultados do estudo foram bastante relevantes. Dos estudantes participantes da pesquisa, 16,9% admitiram ter sido alvos de *bullying*; 57% afirmaram ter sido testemunhas da prática de *bullying*; o local mais frequente para a prática do *bullying* foi a sala de aula (60,2%); e os tipos mais frequentes de *bullying* foram a criação de apelidos (54,2%) e a agressão (16,1%) (ABRAPIA, 2015).

O *bullying* define-se com as atitudes agressivas, pejorativas e repetidas, que ocorrem sem motivo evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros, causando sentimentos negativos como

raiva, e, em alguns casos, queda do rendimento escolar (FANTE, 2005).

Nesta pesquisa, aponta-se que a prática do *bullying* ocorre principalmente entre meninos, com comportamento de agressividade e de intimidação em práticas violentas exercidas por um grupo ou por um indivíduo. Segundo as definições elaboradas por Olweus (1989), *bullying* é definido a partir de três características: trata-se de um comportamento agressivo ou de uma ofensa intencional, realiza-se repetidamente e ocorre durante muito tempo.

O *bullying* contra surdos é relatado na pesquisa de Freire (2012), "Os sentidos subjetivos atribuídos ao *bullying* por discentes com surdez". A autora apresenta vários exemplos de como o *bullying* acontece com alunos surdos no contexto escolar e como a subjetividade de cada indivíduo pode regular a reação ao assédio sofrido.

Freire (2012) colheu vários depoimentos que demonstram nitidamente as ocorrências de *bullying* como podemos observar:

[...] Se vai responder no quadro e erra, ficam todos dizendo: "Uh, errou". [...] Mas todo mundo pode errar. Mas se errar, os Ouvintes ficam só dizendo: "Coisa feia, é errado". Ficam toda hora atentando: "Ih, perdeu, perdeu". Ficam fofocando um com o outro, parece que ficam chamando a gente de burra, de boba. Ah, eu acho isso feio demais. Eu fico sentida [...] (E. P.).

[...] é, porque os alunos ficam gritando, danados, minha cabeça dói, não estão nem aí, a cabeça dói quando eles estão gritando e eles não estão nem aí, dizem que é mentira, e por tudo isso acho eles danados, falam safadeza. [...] Saio da sala, vou conversar com outras pessoas sobre alguma disciplina, sento [...] (E. P.).

[...] Fico sem conversar com os Ouvintes, porque acho ruim. Quando cheguei ao colégio, todo mundo falava comigo, mas agora todos querem brigar. Então, fico calada, sem falar com ninguém. [...] Todos querem brigar [...], querendo bater. Se eles brigarem, eu também brigo. Eu não gosto (C. D.).

[...] Eu sinto que os Ouvintes não gostam dos Surdos, eu sinto uma coisa, não sei, é um problema lá que tem, mas eu sinto. Eles não falam, deixa pra lá, também eu acho que é direito deles. [...] Ai, que paciência você tem que ter! Meninos danados, falam demais. Estou cansada disso, todo tempo, passa semana, entra semana, do mesmo jeito. Eu estou cansada. Quando o professor faz trabalho em grupo, com Surdo é melhor. Ai o professor explica o trabalho e eu

não sei o que ele está dizendo. Os OUVINTES parece que ficam falando segredos, parece que só eles querem ser aprovados, ir pra frente, querem se adiantar. E os Surdos ficam atrás. E, às vezes, parece que eles têm segredos, inclusive o professor de [...]. O professor de [...] dá um trabalho e nada pra o Surdo. Eu não entendo aquilo. Tem muito Ouvinte que fica só com segredo, me excluindo [...]. (E. P. – SOL).

[...] As meninas são danadas; lá debaixo da árvore, as meninas ficam conversando. Eu não gosto de conversar com elas, porque parece que tem uma confusão entre aquele grupo lá, ou fofoca. Eu não gosto de fofoca. Por exemplo, tirar fruta (goiaba), se eu tiro, aí fica uma coisa, eu não entendo aquilo ali. Ficam falando, eu não entendo. Parece que elas acham que só elas têm direito de pegar as frutas. Nós temos os mesmos direitos de fazer qualquer atividade, tipo tirar uma fruta da árvore (E. P. – SOL).

[...] Tem um ouvinte lá que é ruim, fica toda hora só com fofquinha, conversando muito, acho que ele fica falando saliência, palavras feias. Eu não gosto, já estou chateada com isso. Então, eles ficam gritando. Tem uns ouvintes lá... os da 6ª, da 7ª, da 8ª são mais educados, eu percebo. Os da 5ª são muito danados. Preciso de paciência, muita paciência pra lidar com esses meninos. Eu sou surda, eu não percebo bem, mas eu noto que eles falam saliência, algumas palavras feias, tipo assim: boba, burra, só me insultando. Eles fazem isso porque eu sou surda. Eles ficam fazendo isso porque eu sou surda, eu percebo na cara deles. E é todo dia, acho melhor não ter nenhuma relação com eles. Eu já disse pra eles que eu sou surda e eles precisam me respeitar. Mas eles não respeitam. Eu já disse: "Eu sou Surda." A Lua, que sabe falar um pouquinho, vai lá e diz: "Rapaz, vocês não param de falar, vocês ficam só falando". Mas eles não respeitam. Os meninos são muito danados, ficam só procurando conversa todo o tempo, batendo nos outros, toda hora, tocando nos ombros dos outros (E. P. – SOL). (FREIRE, 2012, p.131-135).

A ideia de integração passa pela inserção do surdo na sala de aula majoritariamente composta por alunos ouvintes. Os professores, talvez por desinformação, talvez por não terem acesso à participação em grupos de surdos, acabam por ignorá-los na sala de aula. Dessa forma, o *bullying* nas escolas vem aumentando os problemas dos alunos, dos professores e das famílias e é um acontecimento presente na comunidade escolar. Na realidade, alguns docentes e alunos ouvintes não tiveram interesse pela disciplina de Libras, porém algumas pessoas têm o seu respeito pela vontade de aprender uma nova língua. Depende dos docentes e dos alunos ouvintes

desenvolverem o seu interesse sobre a língua, e, da mesma maneira, os alunos surdos deveriam aprender a língua portuguesa (segunda língua – L2), como falante bilíngue.

O *bullying* provoca baixa autoestima, e consiste basicamente em provocações e xingamentos. Como exemplo, citam-se a imitação, a provocação, a ofensa e a zombaria das vítimas. Quem pratica *bullying*, costuma inventar apelidos à toa, criticar, às vezes brigar, roubar, quebrar as coisas da vítima. É comum o uso de palavras e expressões depreciativas, como: "não sabe", "burro", "você é ignorante", "mudinho", "surdo-mudo", "sarro", "meio surdo", "Paraguaí", "macaco". Tais atitudes provocam sofrimento na pessoa atingida e constituem uma violência e um crime.

Esse tipo de violência pode ser considerado como "violência simbólica", termo criado pelo pensador francês Pierre Bourdieu para descrever um dos processos pelos quais a classe que domina economicamente a sociedade impõe sua cultura aos dominados. Bourdieu (1998), em parceria com o sociólogo Jean Claude Passeron, parte do princípio de que a cultura, ou o sistema simbólico é arbitrária, uma vez que não se assenta em uma realidade dada como natural. A violência simbólica constitui-se em um terreno favorável para práticas explícitas de discriminação, perpetuando-se na própria convivência em sociedade.

O *bullying* passa despercebido em sala de aula, principalmente quando o professor, por desinformação ou julgamento pessoal, define o surdo como uma pessoa que não se apresenta com dificuldade de comunicação, naturalizando a violência simbólica que dá origem a práticas de assédio e desrespeito. É importante esclarecer que a dificuldade não é do sujeito, mas sim do sistema educativo que, na prática, não leva em conta as especificidades linguísticas e culturais dos surdos.

Diante das expectativas familiares, sociais e do mercado de trabalho em relação ao longo e complexo processo educativo-escolar, o surdo vê-se obrigado a acompanhar, participar e integrar-se a um meio que nem sempre o atrai. A impossibilidade da escolha do surdo em participar ou não de escolas,

de classes de ouvintes, revela situações, tanto atuais como antigas, acerca do desastroso fracasso educativo das políticas de integração social e escolar.

O fracasso educativo dos grupos desrespeitados na sociedade brasileira contemporânea demonstra que a instituição escolar está voltada para o fortalecimento das relações de supremacia de poderes e de culturas dominantes. No caso dos surdos, a apropriação da cultura se dá por meio da utilização da língua de sinais; todavia, na escola preparada para alunos ouvintes, esta lhes é negada, geralmente acarretando o fracasso escolar. No entanto, tal fracasso não será em razão do desempenho do aluno, mas sim do sistema educativo.

Para poder integrar-se em uma turma de ouvintes, o surdo necessita tanto falar o português quanto conhecer bem a leitura labial. Entretanto, apesar de serem critérios para a "integração", nem sempre as atitudes dos professores conseguem corresponder a tais necessidades. É importante pensar na interlocução comunicativa existente em sala de aula. Nesse sentido, é fácil conceber a interlocução entre ouvintes, pois esses detêm a fala; por outro lado, é difícil imaginar a interlocução entre ouvintes e surdos. Os surdos podem aprender o português escrito, porém suas habilidades de articular palavras não garantem o sucesso da integração, mas sim o reconhecimento das diferenças, dos limites da comunicação oral pelos surdos, gerando o início do respeito e aceitação desse pela sociedade ouvinte e pela escola.

Segundo Silva (2010), existem diversas formas da prática do *bullying*:

**Forma Verbal:** Insultar, ofender, xingar, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas e zoar; **Forma Física e Material:** Bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, furtar ou destruir os pertences das vítimas e atirar objetos contra as vítimas; **Forma Psicológica e Moral:** Irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar ou fazer pouco caso, discriminar, aterrorizar e ameaçar, chantagear e intimidar, tyrannizar, dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos entre os colegas de caráter ofensivo, fazer intrigas, fofocas ou mexericos (mais comum entre as meninas); **Forma Sexual:** Abusar, violentar, assediar e insinuar; **Forma Virtual:** usar a internet para caluniar, maltratar entre outras atitudes já descritas contra o próximo (SILVA, 2010, p. 22-24, grifo nosso).

Em contrapartida, Fante (2005) afirma que o *bullying* já está presente na escola há muito tempo. O aluno que pratica *bullying* quer demonstrar domínio e força diante dos outros, escolhendo os mais fracos, o novato, o que tem alguma deficiência, entre outros. Ele age motivado pela vontade de demonstrar o poder, e o mesmo acontece na relação dos surdos com os ouvintes.

Um professor da classe regular com surdos integrados pode representar interpretações variadas, conforme as diferentes culturas e as diferenças sociais representadas em aula. Já um professor surdo frente a um aluno ouvinte, também pode gerar diferentes interpretações a partir do repertório cultural de cada um. A mesma atitude frente a um aluno surdo, que já possui um rótulo de incapacidade comunicativa, cognitiva e outros, pode fortalecer o isolamento desse perante a turma, acentuando o rótulo de incapacidade, a dependência do surdo de um ouvinte e outros.

A política de integração do Ministério da Educação (MEC) prevê princípios de igualdade através da união entre surdos e ouvintes na escola. Tal incumbência cabe aos professores, porém a integração não se consolida mediante uma simples inserção do surdo na sala de ouvintes. Ao contrário, ela implica muitas questões principalmente comunicativas, entre os indivíduos presentes.

Para Martins Filho (2016) precisamos lutar por uma sociedade mais equânime e solidária em que a aprendizagem é um direito do ser humano. Com essa compreensão a integração escolar do surdo ocorrerá quando os professores ouvintes tiverem consciência de que não são "donos de verdades" e nem possuem o poder de decisão sobre os rumos que deve tomar a integração. Mas, também, para que esta consciência cresça nos professores ouvintes é necessário que os alunos surdos, organizados, demonstrem suas expectativas, vontades e decisões e, também, que os professores ouvintes construam o seu papel de mediadores. Nas diferenças linguísticas e culturais dos surdos e nas políticas de integração encontram-se as possibilidades de valores na educação inclusiva, que permitem ao surdo ser um sujeito capaz e integrante de um grupo comum.

## 2 Escolas bilíngues para surdos: o caminho de lutas

Todas as crianças surdas têm direito de crescer com uma formação bilíngue, apropriando-se das duas línguas: a Libras e a língua portuguesa escrita. As crianças são capazes de se comunicar-se e aprender sempre que mediadas. Nos casos em que os pais ouvintes não sabem como se comunicar com seu próprio filho surdo, faz-se necessária a procura por um tipo de ensino apropriado para surdos, o qual é encontrado principalmente nas escolas bilíngues, pois oferecem condições melhores de ensino para crianças surdas.

Hoje as comunidades surdas estão lutando por mais escolas bilíngues, pois se acredita que as escolas não estão preparadas para receber as crianças surdas e alunos surdos, por falta do conhecimento da Libras. Destaca-se que muitos professores ouvintes ainda não são fluentes em Libras.

Existem registros de insatisfação dos surdos na sociedade. Muitos alunos ouvintes sentem vergonha de falar Libras, por isso não se interessam em aprender a língua de sinais, por falta de referências.

Atualmente a comunidade surda continua lutando pelas escolas bilíngues, por preocupações com a criança surda e com os alunos surdos no processo de aprendizagem escolar. As escolas bilíngues não deveriam acabar, e sim deve haver um crescimento no número dessas instituições, com melhor ensino e atendimento aos alunos surdos do Brasil.

O Decreto n.º 7.611, de 17 de novembro de 2011, revoga o Decreto n.º 6.571, de 17 de novembro de 2008, e, no caso de surdos, dispõe que sejam seguidos os princípios e diretrizes do Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005. A nova legislação sobre a educação bilíngue foi importante para a comunidade surda, contribuindo para que a educação tenha mais qualidade no ensino dos alunos surdos, principalmente incorporando a língua própria dos surdos. A educação bilíngue quebra as barreiras de comunicação com a língua de sinais.

Na escola inclusiva, alguns professores afirmam que a interação acontece naturalmente. Existem alunos ouvintes que têm preconceitos, o que pode

gerar a prática de *bullying*, porém outros não têm preconceitos. Alguns colegas de classe ajudam os colegas surdos, outros não ajudam. A relação dos alunos ouvintes com os alunos surdos não é muito boa, mas há ouvintes que interagem, e há troca de informação. Os professores da escola inclusiva utilizam técnicas que mostram à turma que não só os surdos precisam de ajuda, mas que os estudantes em geral precisam de apoio, pois todos têm algum tipo de dificuldade.

Já nas escolas bilíngues os alunos surdos não demonstram grande dificuldade, e a aprendizagem ocorre normalmente, em que eles aprendem durante a aula, participam das atividades e realizam os trabalhos. A maioria dos alunos tem dificuldade na aprendizagem de língua portuguesa. Nesse caso, na relação entre professor e aluno, há maior dificuldade do professor em ensinar a língua portuguesa, pois é necessário trabalhar cada nome dos objetos, além de relacionar cada nome a um sinal para que os alunos entendam o significado. O fracasso dos alunos surdos é a escrita da língua portuguesa, porque eles a relacionam com a língua de sinais, e escrevem a língua portuguesa com a estrutura da língua de sinais. Para o surdo, a língua portuguesa é a segunda língua, uma vez que sua língua materna é a língua de sinais, que organiza e direciona sua escrita.

Essa postura dos surdos revela o sofrimento causado pelo *bullying* e pela discriminação vivenciados nas escolas inclusivas, pois, apesar de esses sujeitos considerarem a inclusão positivamente, não querem fazer parte dela. Um dos problemas é a falta de preparo dos professores para trabalhar a diversidade existente em sala de aula, pois as metodologias utilizadas não proporcionam suporte adequado para que os educandos consigam entender e elaborar o seu próprio conhecimento.

Percebe-se também que as necessidades linguísticas e cognitivas dos educandos surdos estão aos poucos sendo inseridas no seu cotidiano e, através da Libras, é possível atingir uma melhor compreensão da língua portuguesa como segunda língua. Mas ainda se faz necessária uma mudança de paradigma, a escola e o

professor precisam preparar-se para atender às diferenças das pessoas surdas, garantindo o direito linguístico. Ao receber um aluno surdo, a escola deveria trabalhar com outros recursos, como estímulos visuais, pois não é de regra que o aprendizado somente ocorra pela audição. Em consequência, a prática avaliativa também deixa a desejar. Muitos professores afirmam/concordar que o aluno realize suas avaliações em outra sala, com alguém capacitado em língua de sinais. Na prática isso não acontece, por falta de pessoas especializadas nessa ação pedagógica.

### 3 Metodologia

A metodologia utilizada neste estudo, para o levantamento de dados, é a pesquisa qualitativa, tendo como foco principal analisar as ações dos docentes surdos que já sofreram *bullying*, ou então, onde não houve aparentemente esse sofrimento. Todos os docentes surdos incluídos na pesquisa trabalham na área, com alunos ouvintes, e são docentes que atuam na educação superior.

A pesquisa qualitativa, na qual foram feitas entrevistas semiestruturadas e gravadas em vídeos, para investigar os processos em relação às informações sobre aprofundamento envolvido no tema pesquisado no ambiente natural do sujeito.

#### Quadro 1 – Características dos participantes

Entrevistados	Gênero masculino	Gênero feminino	Atua em Instituição de Educação Superior Federal	Atua em Instituição de Educação Superior Estadual
11 docentes surdos(as)	5	6	5	6

Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Os vídeos foram traduzidos da língua de sinais para a língua portuguesa, o que demandou tempo e esforço para transcrever fidedignamente.

Utiliza-se neste estudo o método para análise de dados denominado "análise temática", definida

Foram entrevistados onze docentes surdos(as) que ministram a disciplina de Libras a alunos ouvintes.

Todos os questionários foram respondidos, e foi possível identificar casos de *bullying* que resultaram tanto em atitudes positivas (situações em que não houve nenhum sofrimento decorrente do *bullying*, em virtude da resiliência dos professores) quanto negativas (em que os entrevistados apresentaram vários pontos de sofrimentos no trabalho). As respostas obtidas dos questionários foram transcritas para a língua portuguesa. Os docentes surdos, por questões éticas, são denominados nesta pesquisa por A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, L. As respostas dos questionários foram escolhidas, analisadas e transcritas, e os termos nos textos foram mantidos como coletados, considerando a escrita de português como L2 dos surdos.

### 4 Apresentação e análise dos resultados

As análises dos dados foram fundamentadas no conteúdo das onze entrevistas, destacando-se a postura (positiva ou negativa) da subjetividade surda no enfrentamento de situações.

Foram entrevistados cinco participantes do gênero masculino e seis do gênero feminino, todos surdos pós-graduados (Quadro 1).

por Minayo (1998) como uma forma de descobrir os sentidos que compõem a comunicação.

A primeira informação coletada e analisada se refere à questão de o entrevistado ter sido vítima de situações de *bullying* (Quadro 2).

**Quadro 2** – Situações de *bullying*

	Sim	Não
Vítima de <i>bullying</i>	5	6

Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Por meio das respostas dos questionários aplicados aos docentes surdos foi possível identificar posturas subjetivas positivas e negativas com relação ao *bullying*, como mostrado a seguir.

- a) **Questão 01:** "Como você se sente em dar aulas para ouvintes?". Nesta questão, os entrevistados têm suas atitudes diferenciadas dos outros, como é o caso do docente A:

[...] ensino os ouvintes, me sinto, que mostro a minha capacidade, como uma pessoa surda; seria importante mostrar a minha atitude de trabalho diferente dos ouvintes, mas os ouvintes assustam um pouco no começo das minhas aulas, aproveito para aprender as novas experiências de ensinar as turmas, isso me faz sentir mais forte! (informação verbal coletada na entrevista em língua de sinais e com transcrição para o português, mantendo-se a estrutura da sinalização)<sup>2</sup>

Já o docente H responde o seguinte:

[...] Na verdade gostaria muito de atuar com os alunos ouvintes, mas tenho medo. Sempre dou muitas informações das aulas de Libras para os ouvintes, em futuramente eles ignoravam de mim. Porque o meu trabalho tem acompanhante de intérprete na sala de aula, os alunos nunca prestam atenção comigo das minhas atuações, só ficam mais atentos aos intérpretes. Por exemplo, se um intérprete sair da sala, alguns alunos ouvintes podem ter interesse de Libras, outros não. Atuei como 4 anos do trabalho, senti muitos preconceitos. Quando os alunos não me entendem das aulas de Libras, aí eles começam fofoca de segredos nos ouvidos pelos os outros, vejo isso me deixa decepcionada. Isso também aconteceu outro trabalho, mesma coisa. Sempre ajudei a intérprete, ela me ignorava muito, depois eles mandaram eu pra rua do trabalho; então aquele intérprete assumiu ser professora de Libras. Eu preciso de trabalho, pois existe de muitas barreiras os empregos, sempre sacrifiquei de ir ao trabalho e já sacrifiquei das aulas. Não são bons com os ouvintes, muitos alunos ouvintes chatos e difícil de comunicação. Porque já faz uns dez anos que fico com mágoas, fiquei

muitas estressadas dos trabalhos. Muitos alunos meus reclamavam, dizia pra quê Libras, expliquei a situação sobre importância de Libras para a comunicação da comunidade surda no Brasil, e eles dizem que Libras não é nada valorizada, falei a Libras sim é valorizada como uma língua minoritária. Assim os alunos ouvintes começaram a rir da minha cara. (informação verbal coletada na entrevista em língua de sinais e com transcrição para o português, mantendo-se a estrutura da sinalização).<sup>3</sup>

Conforme Freire (2012) explica, a experiência de vida em situações de *bullying* produz sentidos subjetivos diversos que definirão a postura do sujeito diante desse tipo de assédio. A subjetividade individual é o que permitirá assumir uma posição diferenciada diante das experiências de vivência. Como foi verificado, existe a possibilidade de deparar-se com atitudes diversas em situações similares, haja vista que são sujeitos únicos, ativos e inteligentes, que agirão e reagirão de forma singular aos acontecimentos. O docente A adotou uma postura de superação positiva diante do sofrimento que lhe foi imposto, já o docente H, em comparação, apresentou um comportamento de vítima e se mostrou bastante impactado pela experiência vivenciada em situações de *bullying*.

- b) **Questão 02:** "Conhece algum surdo que já sofreu *bullying*?"

Sobre a questão dois, destacaram-se as respostas dos docentes B, D, G e J.

[...] sim muitos surdos sofreu do *bullying*, eles sempre contam pra mim. (informação verbal coletada na entrevista em língua de sinais e com transcrição para o português, mantendo-se a estrutura da sinalização).<sup>4</sup>

<sup>2</sup> Depoimento do docente surdo (a) A, coletado pela pesquisadora na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, no dia 17 de julho de 2019.

<sup>3</sup> Depoimento do docente surdo (a) H, coletado pela pesquisadora na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, no dia 17 de julho de 2019.

<sup>4</sup> Depoimento do docente surdo (a) B, coletado pela pesquisadora na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, no dia 17 de julho de 2019.



[...] eu vi todos os surdos de mais ou menos 80% sofrem do *bullying*. Muitos surdos reclamam que os ouvintes não tem integração e unidos pelos os surdos. Os ouvintes adoram provocar os surdos, eles chamam o surdo para que eles leia os lábios do ouvinte, ele diz: você é viado? E o surdo não entendeu dos movimentos de lábios, assim afirmou como fingimento que entendeu "sim", aí os ouvintes riram muitos de mim. Fiquei triste porque não entendi o que ele falou daquela palavra, no outro dia descobri que era o sinal de viado. (informação verbal coletada na entrevista em língua de sinais e com transcrição para o português, mantendo-se a estrutura da sinalização).<sup>5</sup>

[...] vi uma surda comentou que tinha um sinal C em cima de cabeça, os ouvintes zombavam do sinal dela, dizem era parecido de sinal o macaco. Os alunos ouvintes começaram de risadas demais, assim ela ficou muita estressada por causa do meu sinal que eles provocavam de me chamar o macaco. Então, ela decidiu mudar o sinal antigo, eles pararam de zombar. (informação verbal coletada na entrevista em língua de sinais e com transcrição para o português, mantendo-se a estrutura da sinalização).<sup>6</sup>

[...] Sim, sofre em dobro. Os ouvintes sempre pensam que os surdos usam os gestos de mímicas, parece igual de uma criança. Então eles zombavam e criticavam os surdos são de crianças que não sabem de nada, os surdos ficaram decepcionados. (informação verbal coletada na entrevista em língua de sinais e com transcrição para o português, mantendo-se a estrutura da sinalização).<sup>7</sup>

Por meio das respostas acima é possível verificar que é urgente a necessidade de se elaborar um plano de ação para informar sobre a cultura surda, sobre a língua de sinais e principalmente sobre os valores como respeito e humildade. Tais informações precisam estar no ambiente escolar desde a educação infantil.

c) **Questão 03:** "Você já sofreu *bullying*?"

Nas respostas da questão três verificou-se que alguns entrevistados assumiram que já vivenciaram situações de *bullying*, outros já naturalizaram esse tipo de violência e afirmam que não vivenciaram tal experiência.

[...] eu já fui sentida de *bullying*, mas sei de responder as minhas respostas positivas para vencer de *bullying*, nunca senti humilhada e fracassada. Sempre fui forte de responder para eles, e às vezes os ouvintes assustam e não sabiam responder da minha pergunta; sempre ganho, em menos problemas. (informação verbal coletada na entrevista em língua de sinais e com transcrição para o português, mantendo-se a estrutura da sinalização).<sup>8</sup>

[...] não sinto nada os meus sofrimentos de *bullying*, os alunos ouvintes achavam que eu era como líder. Mandava muitos os grupos ouvintes que ficaram humildes de mim. Dependem os surdos não sentem *bullying*, pois eles conseguem debater os ouvintes, tens os surdos são fortes!. (informação verbal coletada na entrevista em língua de sinais e com transcrição para o português, mantendo-se a estrutura da sinalização).<sup>9</sup>

[...] sim, me sinto *bullying* deste infantil até agora. Antes era pior, agora menos. Eu, como professor surdo atuo alunos ouvintes, isso já aconteceu o *bullying* no ambiente. Vou te contar uma coisa bem sério, um dia tocou o celular do meu aluno na sala, ele diz graça a Deus o professor é surdo. O intérprete ouviu e me avisou, daí resolvi perguntar pra ele, porque diz graça a Deus o professor surdo? Ele ficou vergonha, não me respondeu. Isso me faz o *bullying*, sinto muito magoado e triste. (informação verbal coletada na entrevista em língua de sinais e com transcrição para o português, mantendo-se a estrutura da sinalização).<sup>10</sup>

[...] cresci sem sofrimento do *bullying*, sempre brincavam de provocação dos outros, coisas mais simples, tudo era de risadas, não relaciona como o *bullying*. Eu sou *gay*, todas as minhas colegas do trabalho sabiam que sou *gay*. Agora neste momento houve discriminação de *gay*, não sei por quê?! Só que tenho uma coisa que sinto de *bullying* no estudo, o meu problema que não sei ler o português. Eles me viram que eu não sabia nada de leitura, sinto muito pesado e me envergonho de minha leitura e escrita da língua portuguesa. Não me preocupo a eles de zombar das minhas dificuldades, pois alguns dão o carinho e apoio comigo. (informação verbal coletada na entrevista em língua de sinais e com transcrição para o português, mantendo-se a estrutura da sinalização).<sup>11</sup>

[...] antigamente eu era criança senti muito do *bullying*, mas não sou bobo. Percebi os professores e alunos ouvintes xingavam de burro, surdo-mudo, não sabe. Os meus professores me ignoravam, me deixou isolado da escola, criticavam os palavrões. Fui crescendo de

<sup>5</sup> Depoimento do docente surdo (a) D, coletado pela pesquisadora na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, no dia 17 de julho de 2019.

<sup>6</sup> Depoimento do docente surdo (a) G, coletado pela pesquisadora na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, no dia 17 de julho de 2019.

<sup>7</sup> Depoimento do docente surdo (a) J, coletado pela pesquisadora na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, no dia 17 de julho de 2019.

<sup>8</sup> Depoimento do docente surdo (a) A, coletado pela pesquisadora na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, no dia 17 de julho de 2019.

<sup>9</sup> Depoimento do docente surdo (a) C, coletado pela pesquisadora na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, no dia 17 de julho de 2019.

<sup>10</sup> Depoimento do docente surdo (a) D, coletado pela pesquisadora na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, no dia 17 de julho de 2019.

<sup>11</sup> Depoimento do docente surdo (a) E, coletado pela pesquisadora na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, no dia 17 de julho de 2019.

*bullying* e até agora como docente, mas tenho muita paciência dos meus alunos ouvintes que zombam da minha cara, rir feito de bobo, faz as provocações de bobos. (informação verbal coletada na entrevista em língua de sinais e com transcrição para o português, mantendo-se a estrutura da sinalização).<sup>12</sup>

[...] minha vida de infância já é surda, eles provocavam de mim como dizia de cabeça pequena, nunca vai conseguir o emprego, não vai desenvolver como inteligência e capacidade por qualquer coisa, também dizia que o surdo vai ter limitados. Na época da escola, os meus professores e colegas ouvintes criticaram comigo de incapaz ter um profissional como professora, engenheira, advogada, qualquer profissão. As minhas colegas ouvintes da escola inclusiva chamavam de banana, eu ignorava com elas, pois não sabia o que significava a palavra de banana. Elas provocaram demais da palavra banana, até se cansarem. Também falou que os surdos-mudos são coitados, até na igreja falou que vai me curar com milagre para eu poder ouvir. (informação verbal coletada na entrevista em língua de sinais e com transcrição para o português, mantendo-se a estrutura da sinalização).<sup>13</sup>

- d) **Questão 04:** "Como você se sentiu ao sofrer *bullying*? Sentimentos negativos ou positivos?"

A questão quatro aborda os sentimentos subjetivos ao vivenciar situações de *bullying*.

[...] me sinto como negativa, tenho os meus traumas. Quando fiz as aulas de leitura em oral e os meus colegas ouvintes riram de mim. Eu apresentar como palestrante do público não consigo e por causa dos meus traumas. Como algum tempo passando, fui recuperando os meus traumas, comecei ficar forte das minhas superações, convivi os grupos surdos de líderes, assim não sinto mais dificuldades e mágoas, aprendi de ignorar os ouvintes, fui aprendendo pra ser surda forte. (informação verbal coletada na entrevista em língua de sinais e com transcrição para o português, mantendo-se a estrutura da sinalização).<sup>14</sup>

[...] tudo que eu tenho do *bullying* é pouquíssimo; por exemplo, em minha opinião o *bullying* não é tão ruim, às vezes sinto audismo, sinto de conflitos. Sou pessoa forte, vou lá conversar sério para acabar o assunto do problema. (informação verbal coletada na entrevista em língua de sinais e com transcrição para o português, mantendo-se a estrutura da sinalização) <sup>15</sup>

[...] sinto mais o ponto negativo, o positivo pra mim é muito pouco. O caso de negativo, porque eu sempre dou boas para eles os ouvintes, e eles dão sempre ruins. Tento ser forte, o problema maior que a sociedade é influenciada de coisas ruins. (informação verbal coletada na entrevista em língua de sinais e com transcrição para o português, mantendo-se a estrutura da sinalização).<sup>16</sup>

[...] já atuei as aulas de Libras na turma muita conversa, os alunos só faz a bagunça e não me respeitaram, isso que me sofre muito. O que me faz o bom de positivo é outra sala de aula, nesta sala só alunos surdos, ensino a eles se desenvolver aprendizagem ótimo. (informação verbal coletada na entrevista em língua de sinais e com transcrição para o português, mantendo-se a estrutura da sinalização).<sup>17</sup>

- e) **Questão 05:** Você tem medo de sofrer *bullying*?

Sobre o medo de sofrer *bullying*, os docentes A e I responderam de forma diferente.

[...] não, ainda não tenho medo do *bullying*, porque eu tenho preparado de pronto nas minhas reflexões para respondê-las em positivamente (informação verbal coletada na entrevista em língua de sinais e com transcrição para o português, mantendo-se a estrutura da sinalização).<sup>18</sup>

[...] sim, tenho medo. Vou te dizer um exemplo se o aluno ouvinte, eu dando aula e pode acontecer o aluno vem brigar comigo (informação verbal coletada na entrevista em língua de sinais e com transcrição para o português, mantendo-se a estrutura da sinalização). <sup>19</sup>

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o docente surdo frente ao aluno ouvinte no ambiente escolar. Ou seja, analisar a importância da discussão sobre essas perspectivas, de conhecer o *bullying* contra os surdos na educação de modo geral no cotidiano escolar.

Com o estudo foi possível chegar à conclusão de que o docente surdo também necessita se preparar para situações de *bullying*, fortalecendo sua subjetividade para uma postura de superação positiva. Percebe-se nas respostas dos docentes surdos às questões citadas acima que alguns

<sup>12</sup> Depoimento do docente surdo (a) J, coletado pela pesquisadora na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, no dia 17 de julho de 2019.

<sup>13</sup> Depoimento do docente surdo (a) L, coletado pela pesquisadora na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, no dia 17 de julho de 2019.

<sup>14</sup> Depoimento do docente surdo (a) B, coletado pela pesquisadora na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, no dia 17 de julho de 2019.

<sup>15</sup> Depoimento do docente surdo (a) C, coletado pela pesquisadora na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, no dia 17 de julho de 2019.

<sup>16</sup> Depoimento do docente surdo (a) D, coletado pela pesquisadora na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, no dia 17 de julho de 2019.

<sup>17</sup> Depoimento do docente surdo (a) I, coletado pela pesquisadora na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, no dia 17 de julho de 2019.

<sup>18</sup> Depoimento do docente surdo (a) A, coletado pela pesquisadora na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, no dia 17 de julho de 2019.

<sup>19</sup> Depoimento do docente surdo (a) I, coletado pela pesquisadora na cidade de Florianópolis, SC, Brasil, no dia 17 de julho de 2019.

se fortaleceram diante das experiências vividas; outros ainda não estão preparados para atuar em sala de aula em situações de *bullying*, tendo como objetivo transformar o ambiente escolar em um espaço agradável para que o ensino-aprendizagem ocorra com menos manifestações de preconceitos e gozações; ou ainda estão seriamente traumatizados.

### Considerações finais

A realização da pesquisa concretizada neste artigo oportunizou aos autores um crescimento tanto pessoal como profissional. A partir da leitura de livros e artigos, e também da experiência pessoal de um dos autores deste artigo como docente surdo, buscou-se expor a problemática deste trabalho de pesquisa na justificativa, e a pergunta de pesquisa serviu como guia deste trabalho. A análise dos dados evidenciou que é preciso acabar com o *bullying* e que é necessário, para todos os envolvidos no processo de ensino, haver mais preparação, informação e aceitação da comunidade surda, principalmente o respeito aos docentes surdos em sala de aula.

Apesar de o termo *bullying* ser novo no Brasil e ainda ter característica estrangeira, o fenômeno é bastante antigo e constantemente vivenciado pelos surdos.

Espera-se, através desta pesquisa, motivar outras com a temática desse estudo, para que futuramente seja possível para os surdos terem melhores condições de vida em sociedade. Além disso, espera-se provocar a reflexão nos docentes surdos, para que estes possam se preparar melhor para o enfrentamento de situações de *bullying*. É fundamental o trabalho por uma escola realmente democrática, solidária e inclusiva para estudantes e professores em todos os níveis e modalidades de ensino.

### Referências

ANTUNES, D. C. *Bullying: razão instrumental e preconceito*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

ABRÁPIA. Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência. Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. 2006. Disponível em: [www.bullying.com.br](http://www.bullying.com.br). Acesso em: 05 ago. 2015.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 abr. 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). Acesso em: 13 jun. 2018.

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 18 nov. 2011. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm). Acesso em: 13 jun. 2018.

CAMARGO, Orson. *Bullying*. Brasil Escola. 2010. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>. Acesso em: 13 jun. 2018.

FANTE, Cleo. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus, 2005. 224 p.

FRANCO, Telma. *Bullying contra surdos: a manifestação silenciosa da resiliência*. Curitiba: Appris, 2014. 216 p.

FREIRE, Telma Cristina Ribeiro Franco. Os sentidos subjetivos atribuídos ao bullying por discentes com surdez. 2012. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

GOLDFELD, Márcia. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. 2. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002

MAGALHÃES, Antônio M; STOER, Stephen R. Inclusão social e a "escola reclamada". In: RODRIGUES, David (org.). *Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo: Summus, 2006. p. 23-35.

MARTINS FILHO, Lourival José. Alfabetização de idosos: aprendizagens da leitura e da escrita. *Debates em Educação*, v. 8, p. 64-80, 2016. <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2016v8n15p64>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. 406 p.

SILVA, Ana Beatriz B. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 208 p.

SILVA, Marília da Piedade Marinho. *A construção de sentidos na escrita do aluno surdo*. São Paulo: Plexus Editora, 2001. 112 p.

SKLIAR, Carlos (org.). *Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997. 153 p.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

---

**Endereço para correspondência**

Geisielen Santana Valsechi  
Colégio de Aplicação/UFSC.  
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina  
Trindade, 88040900  
Florianópolis, SC, Brasil

Lourival José Martins Filho  
Avenida Osvaldo Correa de Andrade 399/ 1006  
Jardim Floresta, 88110616  
São José, SC, Brasil